Isaac Newton como Financeiro e Detective

Nota inicial: *Esta é a continuação dos nossos artigos de Abril, Maio, Junho e Julho.*

Como Isaac Newton terá encarado William Chaloner

O grande Newton procurou sempre entender a mente de Deus.

Fascinado com a criação sentia-se, nas suas palavras, "como uma criança brincando com seixos, na praia, perante a grandeza do mar".

Newton maravilhava-se com a obra do Criador mas, ao contrário do seu émulo na invenção do Cálculo Diferencial e Integral, Gottfried Leibnitz, que acreditava que a Criação era uma obra perfeita e por isso não admitia futuras intervenções do divino no curso dos acontecimentos no Universo, Newton aceitava que Deus pudesse como que "andar de fato de macaco" a fazer pequenos consertos aqui e acolá.

Também procurou, nas suas atividades como Alquimista, usar a Ciência para produzir ouro em laboratório.

Assim, o leitor não estranhará o enorme desdém e repulsa com que terá encarado a obra de um falsário que procurava chegar ao ouro com golpes manhosos.

Admitimos que com o arrepio que sente o grande chefe de orquestra quando, no meio de uma grande sinfonia, ouve uma horrível desafinação.

A endurance que criou ao atravessar as circunstâncias difíceis da infância e juventude forneceu-lhe, com certeza, força emocional para empreender a terrível caça ao bandido. Havia que juntar-lhe uma enorme inteligência o que para Newton era um recurso em grande abundância.

Então seguiram-se as investigações, as infiltrações em grupos de falsários, a audição de denunciantes, a interrogação de suspeitos, o encorajamento de delações.

Tudo necessário para produzir prova suficiente para uma condenação o que não era fácil pois o testemunho desta gente era encarado pelos Tribunais com grande suspeita.

No próximo artigo vamos começar a ver os resultados destas atuações.